

VILÉM FLUSSER

Roma, como forçosamente acontece em todas pesquisas preocupadas com nossa situação de ocidentais, aparece também neste curso em toda a sua majestade imperial e soberana. As sete colinas são acidentes geográficos inevitáveis para quem quiser descrever a paisagem do Ocidente. Mas devo, por honestidade intelectual, uma explicação aos senhores. Não simpatizo nem com os filhinhos de papai que habitavam as colinas, e que são chamados de "patricios" pelos nossos professores do curso ginásial, nem com a massa que enchia os vales entre as colinas e que era, por isso mesmo, chamada de "plebs", isto é enchimento. A mim, ambos me encham. E me confesso culpado de mais um crime: a própria língua latina, com toda sua elegância e sua clareza, com toda a sua economia e sua concentração, com seus ablativos absolutos e seus acusativos cum infinitivo, não me entusiasma. Antipático com Cícero, esse portavoz dos filhinhos de papai, não sómente porque o considero hipócrita, mas porque a sua língua é, para mim, a articulação dessa hipocrisia. Detesto César, esse portavoz da plebs, não sómente porque o considero demagogo, mas porque a sua língua é, para mim, a articulação dessa demagogia. Lembro-me da escola como, ao lermos "De bello gallico", o nosso professor, que era uma latinista de um tipo talvez extinto pela evolução darwiniana, sempre parava na frase cesariana "pauci nostris cadebant". "A tradução verbal", disse, "é poucos romanos morreram, mas significa que César perdeu a batalha". Lembro-me ainda, com nojo, da teimosia do "ceterum censeo Carthaginem esse delendam". A explicação dessa minha antipatia talvez resida na intensidade, com a qual as escolas da Europa central insuflavam a latinidade nas mentes da minha geração, à razão de uma hora por dia durante oito anos. A nossa reação era um desesperado: "Quo usque tandem, Catilina" (quanto tempo vais ainda encher a nossa paciência, ó Catilina?). Mas quando contemplo a geração nova, que cresce divorciada de Roma, para a qual Cástulo não é um companheiro da juventude, mas um poeta antigo, e para a qual o tribuno plebis não é uma vivência existencial, mas um conceito vago, não posso evitar o suspiro: "O tempora, o mores". Me Hercule, sou romano, eheu me miserum, não consigo escapar desse meu projeto romano, e a nova geração que vive além do limes, é bárbara para mim, ou, no melhor dos casos, são amici et socii populi Romani, como costumavam dizer com desprezo hipócrita os autores latinos. E quando ouço falar da latinidade do Brasil, uma latinidade que vegeta à margem de Propércio ou de Tibúlio, sinto até que ponto o Ocidente é decadente. Como vêm os senhores, é ambivalente a minha posição ante Roma eterna. Detesto Roma, porque sei que "supplex turba timebat iudicis ora sui", mas também sei ser ela a idade da qual o poeta diz "Aurea prima aeta est aetas".

A minha ambivalência, que é sinal de intensidade da vivência, dominará esta aula. Tentarei, para dominar essa intensidade, e para conservar pelo menos as aparências de uma exposição fria, limitar as minhas considerações aqueles aspectos de caráter romano que me parecem menos ostensivos, e portanto mais necessitados de uma exposição explicativa. A mitologia romana, que é a fonte do projeto existencial latino, oferece uma curiosidade que é tipicamente romana: é, em grande parte, importada. Os deuses romanos oficiais, embora conservando os nomes de divindades originalmente latinas, são importações gregas e deixam entrever sómente muito nebulosamente as suas personalidades originais vendadas pelas trajes gregas. Até o mito da loba, que conta da fundação da cidade, é parcialmente sacrificado à tentativa de submeter Roma ao projeto grego por intermédio de Aeneas, de quem a família dos julianos se dizia descendente. Não é portanto pelo estudo dos mitos oficiais que descobriremos o caráter romano, mas pelo estudo dos mitos mais íntimos e particulares. A este dedicarei portanto a presente aula.

Lares, penates, Vesta: Havia um templo antiquíssimo, pequeno e redondo, no qual ardia um fogo eterno. Este fogo era o centro do mundo e de certa forma a legitimação de Roma como dona do orbis terrarum. Era o fogo da bona dea, de Vesta. A palavra "vesta", isto é a vertida, denota a origem do fogo. Era vertido pelo céu, caiu sobre a terra. Na tentativa romana de ligar este mito latino com a mitologia grega era identificado esse fogo vertido com o Palladion, isto é com a imagem de Pallas Athene que caiu do céu sobre Troia e foi transportada por Aeneas para Roma. Efetivamente, esse palladium era

gaulês de ~~USSEB~~ de Vesta, mas não consegue iludir o espírito crítico: o mito é totalmente diferente do pensamento grego. O fogo de Vesta não é pro-metético, é, pelo contrário, um presente do céu. Esse fogo não é ignis, mas focus. Não arde, não queima, mas serve para cosinhar e aquece. E, com efeito, a lareira central, e como tal é o centro do mundo. E se digo lareira, digo isto no sentido romano da palavra: o fogo de Vesta é o foco dos lares. Vesta é o protótipo, "matrix", é a mãe dos lares familiares, essas divindades da cozinha. Como o atrium, esse quarto baixo, fechado, enegrecido pela fumaça da lareira, onde as matronas cosinhavam, onde as estátuas dos lares e dos penates repousavam, e onde era guardada a pecunia, esse equivalente do gado, como esse atrium era o centro da família, assim o santuário de Vesta era o centro do mundo. O fogo de Vesta era mantido e nutrido por virgens, as vestalistas, que também guardavam o "pennis Vestae", isto é as reservas alimentares do mundo. O templo de Vesta era a copa e a cozinha do mundo. Todo dia primeiro de março, isto é todo primeiro dia do ano, o fogo era renovado. Se o fogo apagou, as vestalistas eram flageladas publicamente, porque eram culpadas de um desastre público incomparavelmente pior que uma batalha perdida. O pontifex maximus, o sacerdote supremo e antecessor direto do Papa, era diretamente responsável pelo santuário de Vesta e esta era com efeito a sua função suprema. Era, com efeito, o supremo pater familias, o que explica, de um lado, porque os imperadores acumulavam, em sua pessoa, o imperio, o tribunato e o pontifício, e, de outro lado, porque se chamam "padres" os sacerdotes da Igreja. O pater familias particular era para os dois lares que guardavam a lareira de ambos os lados, o que o pontifex maximus era para Vesta. Esses dois lares eram as almas, (no sentido de anima) dos fundadores da família, e o lararium, que reunia lares e penates, era a própria família divinizada. Os penates, os protetores de "pennis", da copa, formavam com os lares uma unidade sacra, um "orbis". A ferosa "patria potestas", esse poder absoluto que o pater familias exercia, era portanto um sacerdócio, porque o pai não passava de um representante dos lares e dos penates. Podemos dizer que é através de Vesta, embora muito indiretamente, que o pai é investido de poder, e que a família é neste sentido um peculium, isto é um feudo divino. O feudalismo medieval é a realização mais perfeita do projeto vestal, embora disfarçada cristianamente. É claro que a patria potestas é a potestas imperialis em miniatura, como a república é uma família em sua projeção generalizada. Com efeito, quem exerce o poder imperial na república é o senado, isto é os pais reunidos, "patres et conscripti". E os sinais com os quais Roma conquista o mundo, SPQR (senatus populusque Romanus) podem ser traduzidos por "pais e filhos, isto é família romana". Neste sentido é o imperio romano um enorme templo de Vesta ampliado, animado (no sentido exato desta palavra), pelos lares e pelos penates, e a pax romana é uma universal copa e cozinha. A santificação do lar, a santificação da copa e da cozinha, caracteriza, a meu ver, o projeto existencial romano, tal como transparece pelo mito de Vesta. Espero ter explicado, em parte, o porque da minha antipatia.

Essa antipatia é reforçada pelas consequências que uma tal santificação acarreta. A patria potestas como revelação do sacro traz consigo, por exemplo, o patriotismo como serviço ao divino. E o patriotismo é um dos antepassados do nacionalismo, desse monstro que devora milhões desde o século 19. É verdade que os romanos não podem ser responsabilizados inteiramente pelo nacionalismo. É ele resultado também do conceito do povo eleito de origem judaica, do conceito do povo (Volk) de origem germanica, e do conceito da terra comum (mir) de origem eslava, e assumiu seu caráter mortal somente no romantismo na Alemanha. Mas in nuce é o nacionalismo aquela mentalidade provinciana e separatista que a família no sentido latino exemplifica. E essa mentalidade familiar, essa mentalidade empírica e pragmática que foi projetada no mito do lar e que constitui a nossa herança latina. Não tentarei negar que se trata de uma autêntica revelação do sacro, não tentarei negar que a religiosidade romana era resultado de um autêntico espanto ante o totalmente diferente, mas não tentarei esconder a sua pouca profundidade.

A ~~mente~~ ^{ciudad} romana se conservou para nós em múltiplas formas. Darei como exemplos apenas a Igreja católica, o direito codificado, o nosso sistema educacional e alguns dos nossos preconceitos estéticos, como o nosso gosto pela clareza geométrica e pelo pomposo. Todas essas heranças desprezarei, por que são por demais conhecidas, e concentrarei minha atenção sobre o que considero a herança mais importante: a nossa tendência para a técnica e a tecnologia. A nossa transformação progressiva da natureza em instrumentos, que é uma transformação da natureza em cultura e em civilização no sentido latino de ambos esses termos, é uma atividade tipicamente romana. Dedicarei o resto deste aula à consideração dessa atividade.

Os lares são os espíritos protetores da copa e da cozinha, portanto da casa. Mas, por extensão, são também protetores do campo, do ager. No cruzamento dos limites dos campos, no trivium e no quadrivium, tinham suas estatuas e seus pequenos templos. O ager era portanto uma extensão da domus, era natureza domada, dominada e domesticada. A mentalidade romana é uma mentalidade domadora, dominadora e domesticadora, porque tende a submeter tudo aos lares. O método dessa tendência é revelado pelo próprio termo "ager": é o método do agir, da ação, da agitação e da atividade. Ager é campo no sentido de campo de atividade domadora. É o submeter do indomado à pátria potestas. É, com efeito, uma ato violento de posse no sentido sexual deste termo. O pai, sacerdote do lar, possui o elemento feminino, a materia, para domá-la e domesticá-la, isto é incorpora-la à lareira. Esse ato violento de posse do ager pelo arado (aratrum) é um ato cultico, um sacrifício no altar (ara) do lar, e o resultado desse culto do ager é a agricultura. A agricultura é uma atividade reveladora do sacro, é uma atividade patriótica, porque ao submeter a materia à pátria potestas, faz aparecer coisas escondidas (res gestae). É uma atividade produtiva, (de pro-ducere = tirar do colo), uma atividade geradora e gerente. A pátria potestas gera e gere cultura, ao possuir a materia pelo arado. As res gestae formam o conjunto da cultura. Arar o ager é uma espécie de "bellum gerere" é uma atividade bélica e guerreira. A guerra entre o pater e a materia, entre o lar e a natura (aquilo que nasceu por si) é geradora de cultura, e o campo dessa guerra é o ager. A ligação íntima entre agricultura e guerra, entre o arado, o sacrifício e o patriotismo, é visível na famosa frase "Cincinnatus ab aratro avocatus est, uná patriam solveret".

A agricultura em particular, e a cultura em geral, como atividade reveladora do sacro, porque domesticadora da natureza e geradora de coisas sujeitas ao lar, portanto de instrumentos, é uma noção fundamentalmente ocidental que herdamos dos romanos. A noção é no fundo a de um lar agigantado, de um edifício imperial enorme, no qual a natureza é totalmente engolida pela casa, é totalmente incorporada na domus, totalmente domesticada, e na qual todas as coisas giram em redor do foco central, da lareira de Vesta. Sómente quando a natureza estiver totalmente domada, acabará a guerra entre a pátria e a materia, será estabelecido o imperium Romanum, que é a pax Romana. Nesse estágio tudo estará sujeito ao lar, tudo que foi projetado (iactum) será subjugado (subiectum) e nada será obstáculo (obiectum). Com efeito tudo será adejetivo à substância do lar que tudo sustenta. O imperio total do lar tornará todas as coisas compreensíveis, isto é legíveis (de legere), porque todas as coisas estarão sujeitas às leis (leges) do lar, tal como estas aparecem nas duodecim tabularum e tal como foram propagadas pelos legati (emissários do lar), pelos legislatores (os carregadores dos lares) e pelas legiones (os defensores dos lares). O mundo totalmente legível será o mundo culto, mas será ao mesmo tempo o mundo civilizado. Já disse que o lar peculiar não passa de um peculium do foco de Vesta. A sua peculiaridade é uma emanação da publicidade de Vesta. As res peculiares que o lar gera e cultua são emanações das res publicae vestais, e as lareiras peculiares são particulares, isto é particulas do foco de Vesta. Vesta autem divisa est in lares peculiares. A res publica que reúne todas as res gestae particulares é Roma. Roma é res publica porque é a res gesta por Vesta. Como todo lar participa de Vesta, todo romano participa da res publica e como tal é civis Romanus. "Civis Romanus sum", esse brado de guerra orgulhoso, significa "participo da atividade domadora do mundo". A civilitas é a parti-

VILÉM FLUSSER

cipação da civitas, isto é da res publica que engole o mundo. A cidade como foco dos lares é o foco do orbis terrarum, e a civilização é a atividade pela qual a cidade se expande terras a dentro. A civilização é o aspecto público das culturas peculiares. A cultura é o aspecto menor (ministerium), a civilização é o aspecto maior (magisterium) do imperio romano. Como peculiar sou ministro, como civil sou magistro do mundo domado. São as duas faces do meu sacerdotio que consiste na produção de coisas geradas, porque em ambos aspectus "sacrum duco" (desvendo o escondido). A cidade é a domus pública e será, quando alcançada a paz, idêntica com o mundo. Daí o Papa apresentar-se "urbi et orbi". A cidade é portanto o mundo civilizado inteiro, e os lares peculiares são os aspectos culticos e culturais desse mundo.

Não preciso esforçar-me peculiarmente, já que é do domínio público, ^{em demonstra} como este aspecto imperial e imperialista das noções de cultura e civilização predomina em nosso pensamento de ocidentais civilizados e cultos. A expressão máxima desse complexo imperialista é a nossa técnica e tecnologia. Não discutirei hoje como se tornou possível, depois do Renascimento, a extensão da agricultura sobre tantos campos novos, pois isto será o tema da próxima aula. Discutirei hoje o aspecto sacral da técnica como subjugação da natureza aos lares e como produção do escondido. Em germe são os romanos os nossos antepassados na tecnologia. As obras de arte que nos legaram são obras técnicas como pontes e estradas, canalizações e aquadutos. Por onde passavam domavam a natureza. Não só residia o seu imperialismo, e marca até hoje indelévelmente as terras por eles pisadas. Graças às pontes e às estradas é, por exemplo, a Boêmia ainda hoje terra romana, enquanto que a Saxônia é terra extra limites. A rede de instrumentos e comunicações visíveis e invisíveis que o Ocidente lançou sobre o globo a partir do século 15 para domina-lo é o imperio romano renascido. Somos, neste sentido, todos nós ocidentais cidadãos romanos, e transformamos o resto da humanidade, embora precariamente, em amigos e sócios mais ou menos rebeldes do povo romano. No fundo é para nós um Mao Tse Tung um Mithridates e um Khruma um Jugurtha. É verdade que não somos mais, como os romanos, tão conscientes da sacralidade da missão imperialista que é a nossa. A técnica pela qual dominamos o orbis terrarum não se revela, tão evidentemente, como culto sacral dos lares e dos penates. Mas um leve exame da nossa consciência faz reaparecer o sentimento de ministerio e magisterio sacro. Este sentimento se torna tanto mais atual, quanto mais ameaçada a nossa domus imperial se sente pelos seus sócios e amigos. Como sabem os senhores, o foco de Vesta se cindiu em dois depois de Constantino o Grande, e atualmente ardem duaslareiras. A lareira da praça Vermelha aquece as massas ortodoxas e nela cosinham os alimentos tirados do penus de Marx e de Lenin. A lareira do Capitólio novo em Washington ilumina a plebs latina sensu stricto e nela tentam requeutar os alimentos de Locke. Essa divisão do templo de Vesta enfraquece o edificio imperial, já que ambas as metades chamam a outra de imperialista e a si mesma de pacifista. Ignoram, ou pretendem ignorar, que imperio e paz são sinónimos em Roma. Mas no fundo a consciência romana persiste. Moscou, ameaçada pelo Mithridates chinês, e Washington, ameaçada pelo Jugurtha africano, tendem a unir forças como no tempo dos parthos. A ameaça que pesa sobre o imperio vem, me parece, mais terivelmente de dentro. É o que Spengler chama de incursão vertical da barbárie, e Ortega de revolta das massas. O conteúdo sacral da técnica acha-se ameaçado. Ainda seria fácil, creio, dominar o perigo externo, ainda seria possível reforçar o limes e reconstruir o vallum, não fosse o esvaziamento do sentimento sacral da própria técnica, que é a expressão romana da nossa civilização e cultura. Esse esvaziamento é consequência da quase total realização do projeto romano. O mite de Vesta está quase totalmente realizado, e portanto profanado. Não vemos quase mais natureza em nosso redor, quase sómente res gestae. A materi está quase totalmente em patria potestas. O mundo está quase totalmente demarcado. Com efeito, o mundo se tornou, quase totalmente, copa e cosinha. Mas a copa e a cosinha, como habitat exclusivo, é um lugar tedioso e nojentinho. Ao se aproximar da sua realização, revela o projeto romano todo o seu tédio fundamental, toda a sua praticidade e falta de fantasia. Essa qualidade pedestre e cha do projeto romano contaminou os projetos judeus e gregos que formam a base

VILÉM FLUSSER

da nossa existência como ocidentais, e não possa evitar a impressão ser a nossa herança latina em grande parte responsável pelo tédio existencial que nos invade. Aliás, os próprios romanos o sentiram, ou não teriam aderido, com tanta facilidade, (quase teria dito leviandade) ao projeto grego. O ressurgimento do projeto romano na história do Ocidente, primeiro no tempo de Carlos Magno, depois no renascimento, e finalmente na segunda metade do século 18, se me afigura totalmente nefasto. Essa atitude "common sense", essa maneira razoável e prática, tirou em grande parte o entusiasmo ao projeto ocidental, cuja falta lamentei na última aula. Afinal, viver em cidades em forma quadrada é uma maneira de vida "square" no sentido americano do termo, e essa quadratura romana do círculo da vida é o sentimento que se alastra atualmente. Dedicarei a próxima aula ao aspecto empírico e experimental do projeto romano para tornar um pouco mais ampla e cheia a nossa visão da nossa herança latina. Não quero entretanto abandonar o tema de hoje, sem render uma homenagem à cidade eterna, a qual, a despeito da minha antipatia confessada, domina grande parte do nosso pensamento. É que Roma faz para nós parte do tempo aureo ovidiano, quando "mulcebant Zephiri nates sine semine flores" e a pax romana é o estágio quando "mollia se curae peragebant otia gentes". Essa ociosidade mole continua um dos ideais do Ocidente.